

VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS “PREPOSIÇÃO + EU E PREPOSIÇÃO + MIM” NO PORTUGUÊS POPULAR DE FEIRA DE SANTANA.

Jeany Carvalho¹ e Norma Almeida²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: jeanyscarvalho@hotmail.com

2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: norma.uefs@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística, Variação linguística, Forma pronominal para mim
X para eu.

INTRODUÇÃO

Com a expansão industrial, a partir da década de 50, Feira de Santana acolheu migrantes da zona rural do município e de outras regiões do Estado e do país. Com essas migrações, ocorreu uma grande interação entre falantes de diferentes variedades do português que contribuíram para a construção da variedade linguística utilizada em Feira de Santana.

Devido a essas interações, está ocorrendo uma grande variação linguística em Feira de Santana e urge a necessidade de sistematizá-la, já que Labov (1972) e Tarallo (1993) dizem que toda variação e mudança linguística são ordenadas e passíveis de sistematização. Por isso, o presente trabalho tem como objetivo analisar a variação entre as formas “preposição *para* + *eu* e preposição *para* + *mim*” no português popular de Feira de Santana, tanto na posição de *sujeito* quanto na posição de *objeto indireto*, bem como descrever os fatores linguísticos e extralinguísticos contribuintes para as ocorrências e ainda observar com qual frequência ocorre essa variação.

De acordo com a gramática tradicional, os pronomes oblíquos são os que desempenham a função sintática de complemento, já os pronomes pessoais retos são os que desempenham a função sintática de sujeito e predicativo da oração (BECHARA, 2004; CUNHA *et al.*, 2007).

As gramáticas normativas dizem ainda que, na língua culta, somente os pronomes oblíquos tônicos são acompanhados por preposição, podendo exercer entre outras funções a de objeto indireto, complementando o sentido do verbo transitivo indireto.

De acordo com Sacconi (2010) o pronome oblíquo *mim* antecedido pela preposição *para* não pode exercer a função sintática de sujeito, pois essa função só pode ser exercida por pronomes do caso reto, portanto nessa posição o correto é utilizar o pronome *eu*.

Nesse trabalho, observaremos que essas regras não são utilizadas por todos os falantes da língua e que são muitos os fatores que contribuem para o uso incorreto dessa forma pronominal.

MATERIAL E MÉTODO

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa está de acordo com a Teoria Variacionista, proposta por Labov (1972), a qual descreve a pesquisa quantitativa como instrumento fundamental para analisar a heterogeneidade linguística que é regulada por várias regras e sujeita a sistematização. A codificação dos dados coletados foi feita através do programa computacional GOLVARB que mostrou em porcentagens os fenômenos observados.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Para a realização dessa pesquisa foi considerada como variável dependente a ocorrência da forma padrão ou não padrão no uso da preposição *para* seguida pelos pronomes *eu/mim* ora na posição de sujeito ora na posição de objeto indireto. Os fatores extralinguísticos ou sociais considerados foram faixa etária (sendo a faixa 1 composta por

jovens de até 35 anos, a faixa 2 por pessoas de até 50 anos e a faixa 3 composta por idosos, a partir de 60 anos), gênero/sexo (masculino ou feminino), escolaridade (alfabetizados ou analfabetos) e localidade (zona rural ou urbana) e o fator linguístico observado foi a forma fonética da preposição (para, pra ou pa).

O *corpus* escolhido para desenvolver a pesquisa foi constituído por doze informantes da zona urbana e doze da zona rural de Feira de Santana. De cada doze informantes, seis são do sexo masculino e seis do sexo feminino, quatro são da faixa 1, quatro da faixa 2 e quatro da faixa 3. Foram selecionados para participarem das entrevistas falantes do padrão popular que nasceram e moram na zona urbana ou rural de Feira de Santana. Esse *corpus* foi com o objetivo de coletar amostras do português popular, assim a escolaridade foi limitada até no máximo cinco anos de escolarização.

Através dos programas computacionais sugeridos por Labov (1972) obtivemos os resultados desta pesquisa, mas nem todos estão de acordo com as hipóteses iniciais. Percebemos que, em dados gerais, houve ocorrências das formas pronominais *para mim/ para eu* na posição de sujeito. Das trinta e quatro (34) ocorrências nessa posição, nove (9) correspondem à utilização de *para mim* ao invés de *para eu* como sugerido pelas gramáticas normativas, ou seja, os casos nos quais aparece a norma não-padrão representam 26,5% do total.

Tabela 1: Total geral do para mim na posição de sujeito.

9/34
26.5 %

Observaremos a utilização da forma pronominal *para mim* de acordo com a faixa etária do falante.

Tabela 2: Uso do para mim na posição de sujeito de acordo com a faixa etária.

Faixa etária	Ocorrências %
Faixa 1	2/18 11.1%
Faixa 2	3/6 50%
Faixa 3	4/10 40%

Ao contrário do que comumente acontece, nesta pesquisa foi observado uma maior ocorrência da forma padrão na fala dos homens. A tabela abaixo mostra que de dezesseis (16) ocorrências do pronome na posição de sujeito, sete (7) são do uso de *para mim* (não-padrão) na fala das mulheres, enquanto apenas dois (2) de dezoito (18) ocorrências são do uso não-padrão na fala dos homens.

Tabela 3: Uso do para mim na posição de sujeito de acordo com o sexo/gênero.

Sexo/gênero	Ocorrências %
Feminino	7/16 43.8%
Masculino	2/18 11.1%

Para percebermos como a localidade influencia na escolha das variantes, analisaremos o resultado abaixo:

Tabela 4: Uso de *para mim* na posição de sujeito de acordo com localidade.

	Ocorrências %
Urbano	7/14 50%
Rural	2/20 10%

Aqui acontece outro caso em que os resultados diferem dos obtidos em outras pesquisas no que diz respeito aos falares da zona rural e da zona urbana. Isso pode ser explicado, talvez, pela proximidade entre a zona rural e o município, já que são falas de moradores da Matinha, Olhos D'água, localidades bem próximas a Feira de Santana.

A escolaridade é um fator extralinguístico relevante para a pesquisa. Para Votre (2010) a observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam e das comunidades discursivas. Mas, por outro lado, ela atua como preservadora das formas de prestígio face a tendências de mudança em curso nessas comunidades.

Veremos abaixo como esse fator interfere na escolha dos pronomes a ser pronunciado.

Tabela 5: Uso de *para mim* na posição de sujeito de acordo com a escolaridade.

	Ocorrências %
Alfabetizado	9/31 29%
Analfabeto	0/3 0%

O único fator linguístico observado neste trabalho foi a forma fonética da preposição, se ela aparece na fala como *para*, *pra* ou *pa*.

Tabela 6: Uso do *para mim* na posição de sujeito de acordo a variação fonética da preposição.

	Ocorrências %
Pra	9/32 28.1
Pa	0/2 0%

Em nenhum momento apareceu na fala dos informantes a forma fonética *para* prescrita pelas gramáticas, o que nos mostra que as pessoas estão utilizando na fala apenas as contrações dessa preposição: *pra/pa*.

Nesta pesquisa também foi observada a variação entre as formas preposição *para* + *mim/eu* na posição de *objeto indireto*, complementando o sentido do verbo transitivo indireto. Os dados obtidos não foram rodados no programa computacional, tendo em vista a pouca quantidade dos mesmos e a ocorrência quase total da forma padrão.

Observando os dados, houve apenas oito (8) ocorrências em todo o *corpus* da forma pronominal em posição de objeto indireto. Dessa quantidade sete (7) seguiram a forma padrão(para mim) para o emprego do pronome nessa posição e apenas uma fugiu à regra prescrita pela gramática, esta ocorrência foi pronunciada por uma falante que mora na zona rural e não foi alfabetizada.

*Deus deixou quatro filho **pra eu**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fatores extralinguísticos observados mostraram que há uma variação entre a produção padrão e a não-padrão entre falantes de faixas etárias diferentes. Na fala de pessoas mais jovens, há um maior predomínio da realização padrão talvez devido à influência que a escola ainda exerce sobre aqueles que saíram da sala de aula há menos tempo. Com relação ao gênero/sexo, os resultados obtidos foram diferentes dos encontrados na maioria das pesquisas sociolinguísticas, o que nos alerta para uma nova análise a respeito desse fator em um momento posterior para confirmar se os homens estão passando a ter maior cuidado na pronúncia e optando pela variante padrão.

Esses resultados divergentes foram observados também com relação à localidade e a escolaridade. Na maioria dos trabalhos nesse campo, os mais escolarizados tendem a utilizar a forma padronizada enquanto os analfabetos geralmente optam pela forma não-padrão. Nesse trabalho especificamente, os analfabetos não utilizaram a forma não-padrão na posição de sujeito e utilizaram apenas uma vez na posição de objeto indireto, esse resultado pode ser justificado pela pequena quantidade de informantes analfabetos, diferente dos escolarizados, vale ressaltar que sobre esse fator também é necessário uma atenção maior em um trabalho futuro com mais dados. A localidade também não influenciou muito a fala dos informantes, pois a zona rural estudada fica muito próxima à zona urbana.

Com relação ao fator linguístico estudado, percebemos uma quase total ocorrência da forma *pra*. Não houve nenhuma realização da forma *para* prescrita pelas gramáticas e houve ainda duas (2) ocorrências da forma *pa*, apenas na posição de objeto indireto

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão úteis para sistematizar a variação ocorrida em Feira de Santana e instigar pesquisadores para novas análises sobre esse assunto, entretanto, utilizando uma quantidade maior de dados. Para isso é necessário que o documentador, na entrevista, direcione os falantes a utilizarem com mais frequência a forma pronominal estudada. Apesar de esse ser um trabalho introdutório, pôde-se observar a heterogeneidade presente nas línguas.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. **Moderna Gramática da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 1972.
- MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ:Vozes, 2000.
- PAIVA, M. da C. A variável gênero/sexo. *In*: BRAGA, M.L.; MOLLICA, M.C. (orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.
- SACONNI, Luís Antonio. **Nossa Gramática Completa**. São Paulo:Nova Geração, 2010.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 5 ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. *In*: BRAGA, M.L;MOLLICA, M.C. (orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.